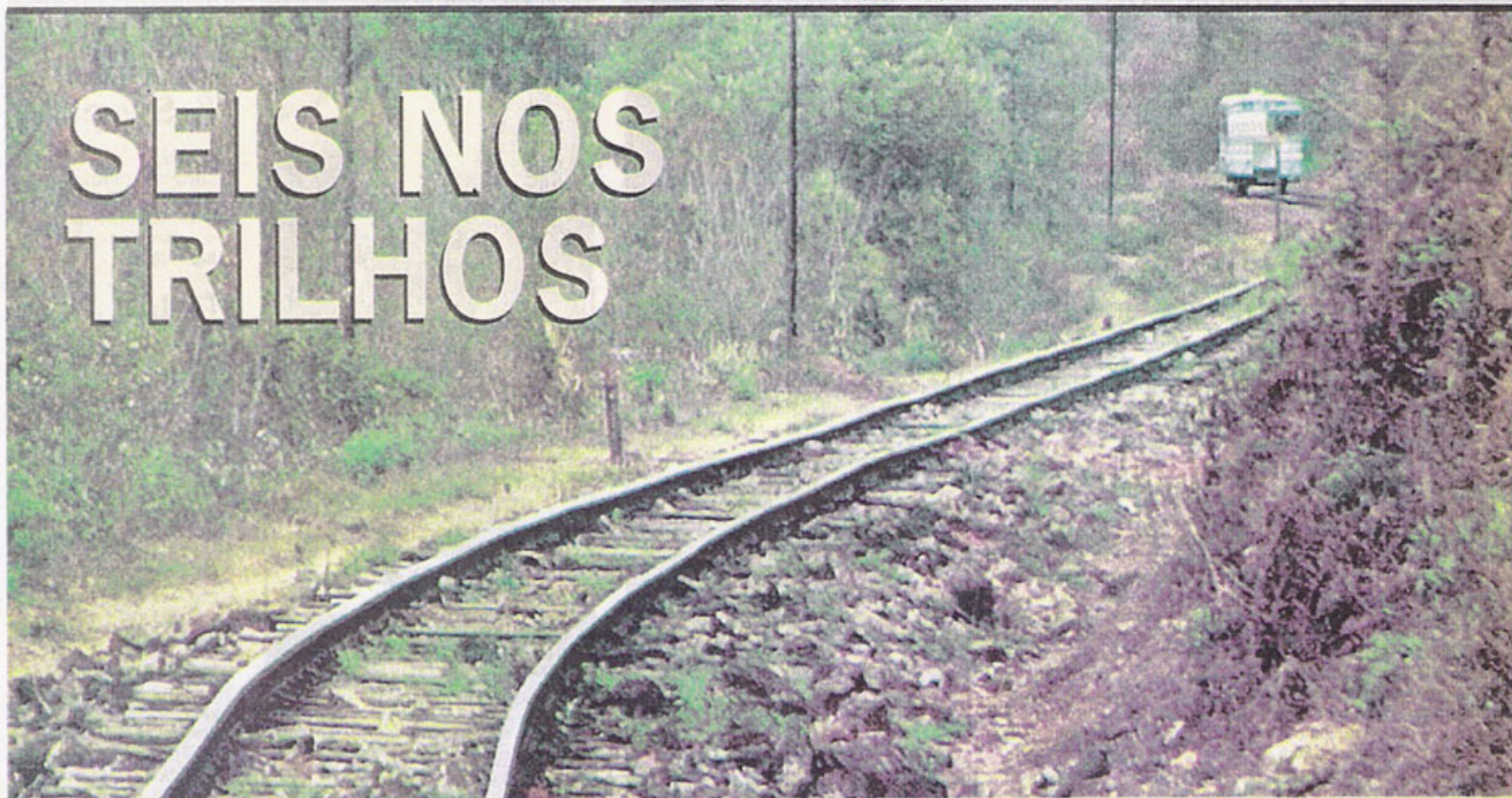


SEIS NOS TRILHOS



DOCUMENTÁRIO Premiada, a diretora Marília Rocha volta ao festival "É Tudo Verdade" com o longa "Descaminhos", que em seis episódios percorre ferrovias de Minas

PAULO HENRIQUE SILVA
REPORTER

cheque de R\$ 10 mil recebido pela diretora Marília Rocha há dois anos, por "Aboio", eleito como melhor documentário na 10ª edição do Festival "É Tudo Verdade", serviu para quitar algumas dívidas originadas por uma produção de baixíssimo orçamento, feita com a cara e a coragem. Depois de "sair do vermelho", fruto da bem-sucedida carreira internacional de seu primeiro longa-metragem, Marília retorna ao mesmo festival com "Descaminhos", único filme mineiro a disputar a categoria principal, que terá exibição hoje, às 21 horas, no Cinesesc, em São Paulo.

Desta vez, o prêmio é ainda mais polpudo, mas se voltar para casa com os R\$ 100 mil prometidos pelos organizadores do "É Tudo Verdade", ela terá que dividir os louros - e a grana - com outros sete realizadores. "Descaminhos" é um filme em episódios, que reúne seis curtas que se propõem a fazer uma viagem antropológica pelas centenas de quilômetros de trilhos de trem que passam por Minas Gerais. Marília Rocha foi chamada para registrar a história da linha Mogiana, trem que fazia o trajeto entre as cidades de Campinas, em São Paulo, e Araguari, em Minas, e desativado em 1989.

Por outras linhas caminharam os diretores Alexandre Baxter e Luiz Felipe Fernandes, João Flores, Maria de Fátima Augusto, Leandro HBL, Armando Mendz e Cristiano Abud. João Flores, por sinal, assina o curta sobre a única linha regular ainda em atividade, que percorre Belo Horizonte-Cariacica (Espírito Santo), mantida pela Companhia Vale do Rio Doce.

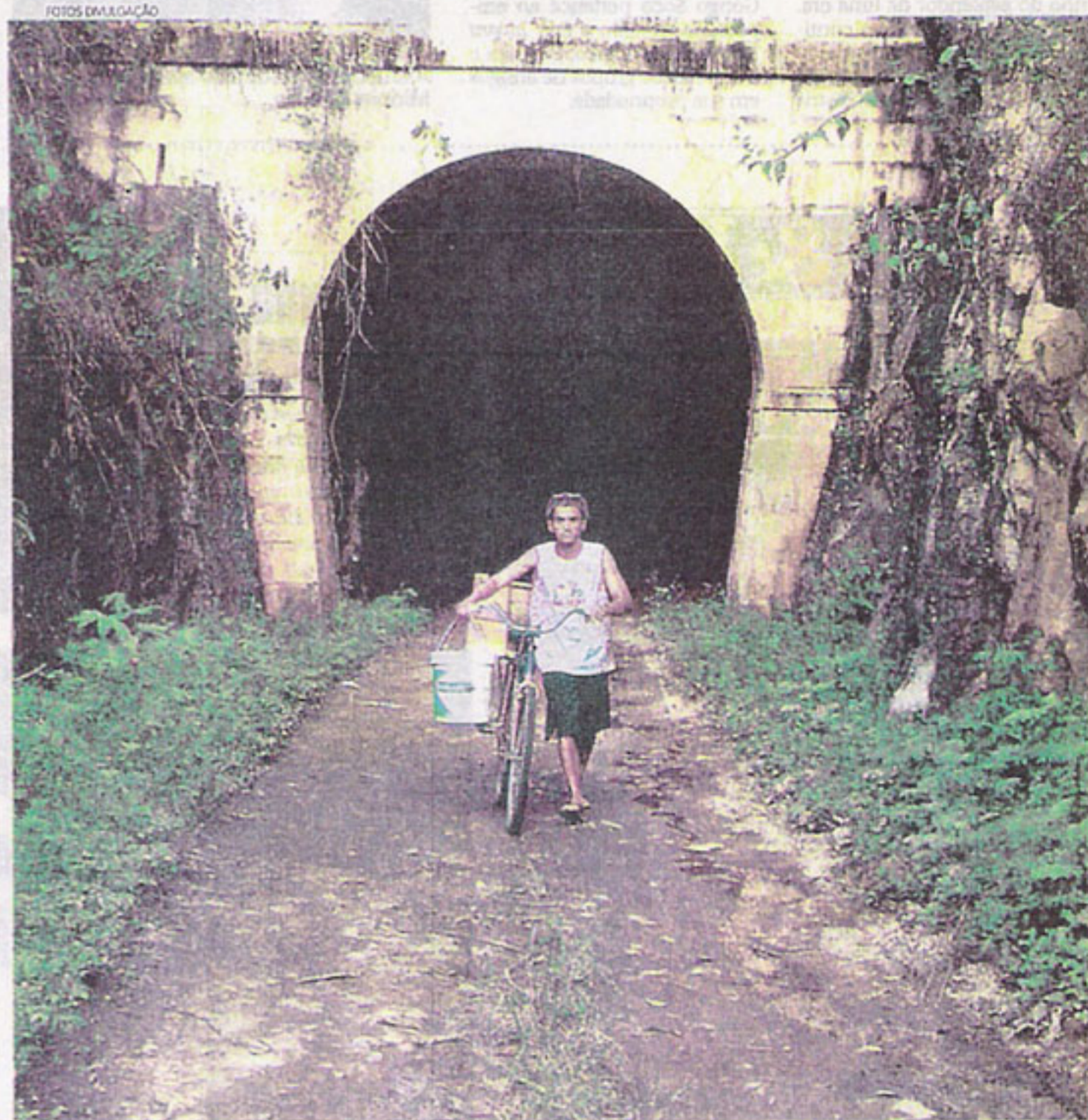
Os olhares são distintos, com cada realizador ganhando liberdade para criar o roteiro e filmar de acordo com a proposta que achar mais interessante. Marília, por exemplo, preferiu imbuir o seu curta com um tom mais poético.

"Os seis episódios são completamente diferentes. Apenas a temática é comum. Alguns usaram entrevistas e personagens, o que não foi o meu caso. Eu preferi contar uma história de amor, sobre duas pessoas que se encontraram num trem da Mogiana há 60 anos", afirma a cineasta. "As imagens são feitas no presente, com a câmera dentro do trem focando a paisagem. Uma mulher, em off, relata a história, que foi inspirada nos meus avós. O tom é de lembrança, de algo que não existe mais. Não estou preocupada em registrar o que aconteceu, mas mostrar esse intervalo", completa.

A oportunidade para relatar um caso familiar surgiu por acaso. "Foi tudo coincidência. Ninguém sabia da história dos meus avós quando me ofereceram a parte do sul de Minas. Conversei com parentes e alguns não se lembravam deste caso. Outros recordavam de certas partes. Relatos se diferenciavam em determinados aspectos. Essa ambigüidade eu levei para o filme. Resolvi manter os lapsos de memória, já que não pretendia fazer um documento completamente fiel. Queria algo mais poético. Num documentário, não precisamos ficar amarrados aos fatos, a uma pretensa verdade", explica Marília.

O curta foi estruturado em cima de um único plano-sequência, com o trem voltando para a estação, dando a sensação de que está indo de trás para frente. "Isso tem muito a ver com a proposta escolhida. Não queria mostrar o trem simplesmente chegando em algum lugar. Para mim, era uma viagem de volta", destaca a diretora, que usou nas filmagens dois trens turísticos, um de Passo Quatro e outro de São Lourenço, que fazem percursos curtos de passeio. Marília rechaça, porém, a idéia de uma viagem nostálgica. "O que surge da separação entre voz e imagem é o vazio, algo impossível de se recuperar".

O resultado é bem diferente de "Aboio", sobre vaqueiros que guiam as boiadas no sertão. Neste, o filme nasceu do encontro com os vaqueiros. Em "Descaminhos", ela partiu de um texto pronto e pessoal. O terceiro documentário, em fase de montagem e com o título provisório de "Acácio Videira, Impressões Sobre Portugal, Angola e Brasil", segue outra vertente, baseada em personagens. Ao entrevistar um casal que morou por vários anos em Angola, Portugal e Brasil, o filme fala sobre passado e memória e traça uma associação entre os três países de língua portuguesa.



"OS SEIS EPISÓDIOS são completamente diferentes. Apenas a temática é comum", explica Marília, que realizou o longa ao lado de mais sete diretores

"É Tudo Verdade" reúne 141 documentários

Desde quinta-feira está sendo realizado em seis salas de cinema de São Paulo, a 12ª edição do festival "É Tudo Verdade", que apresenta documentários que vêm sendo produzidos no Brasil e no mundo. Os interessados se inscrevem, e um júri seleciona os filmes. Batendo um novo recorde, o festival exibirá, gratuitamente, 141 curtas, médias e longas-metragens, contra 111 películas exibidas no ano passado e 131 em 2005.

O número de inscritos este ano chegou a quase mil diretores interessados em concorrer na competição nacional e internacional. "Acredito que é um bom momento para o documentário no Brasil e no mundo", diz Amir Labaki, diretor do festival, que será exibido também no Rio de Janeiro, Campinas, Brasília e Porto Alegre. Entre os destaques, o média "Maria Bethânia - Pedrinha de Aruanda", dirigido por Andrucha Waddington, que mostra a cantora (que se apresenta hoje e amanhã no Palácio das Artes, em BH) em sua intimidade; o franco-suíço "Senhor Borges e Eu", que apresenta o professor Jean-Pierre Bernes falando sobre o escritor argentino Jorge Luis Borges e o curta "Hibakusha: Herdeiros Atômicos no Brasil", que conta a história de sobreviventes aos ataques a Hiroshima e Nagasaki, em 1956.

O festival "É Tudo Verdade" segue até o dia 1º de abril. Programação no site www.bdetudoverdade.com.br. (Folhapress)